

## HERANÇA MÍSTICA

## Fios e labirintos na busca da verdade

GILVAN P. RIBEIRO  
PROF. LITERATURA UFJF

Nosso fim de século parece imitar um pouco o de cem anos atrás. Percebe-se, por toda parte, surtos de esoterismos, magias, simbologias, ocultismos. É muito significativo que isto se dê em épocas muito parecidas do ponto de vista da capa de cientificidade que, aparentemente, envolve o cotidiano. No final do século passado o conhecimento científico aparentava ser uma cornucópia mágica, de onde se extrairia o bem-estar da humanidade, materialmente falando, garantindo-se fartura, saúde e felicidade. Já se disse muito sobre a falácia daquele tipo de credibilidade. Hoje, embora a ciência continue a ser cultivada como grande provedora, este cultivo não é tão panglossiano quanto antes. Afinal, a expansão do conhecimento não garantiu nenhuma das

benesses que a ciência apontava como inevitáveis. E o pior de tudo talvez seja a absurda dependência em que o avanço científico nos colocou. Refiro-me à dependência dos especialistas, a quem temos de prestar contas de nossas necessidades e desejos e de cuja bênção dependemos para nos julgarmos menos infelizes. Aí de nós!

O longo parágrafo introdutório tem sua justificativa no texto que vamos comentar. De várias maneiras, o que dissemos acima está contido, mesmo que por vias transversas, no livro **A prova do labirinto**, de Fernando Sánchez Dragó, vencedor do Prêmio Planeta e publicado no Brasil pela Editora Record.

O livro é o resultado da confluência de múltiplas experiências, reflexões, tradições. Não por acaso, Dragó é ibérico e está no centro da herança mística que, se tem em Santiago de Compostela o grande

núcleo universalizante e turístico de magos, ascetas e espiritualistas diversos - de MacLaines e Consuelos a Coelhoos variados -, tem também um passado de pensamento e êxtase, de sofrimento e transfiguração. Lembremo-nos apenas de Santa Teresa d'Ávila já imortalizada em prosa, verso e mármore. Assim, de um lado, temos este fio, que remonta ao passado.

De outro lado, temos a vivência contemporânea, vulgarizada a partir dos anos 60, de busca do terceiro olho, de outras dimensões do conhecimento além daquelas que a razão propicia. O êxtase não se obtém apenas através da contemplação, mas sobretudo através de recursos alucinatórios variados: maconha, mescalina, haxixe, ópio, LSD e outros santos daimés de plantão.

Junte-se a isto uma pitada de engajamento político-ideológico, muita dúvida e angústia e perguntas

irrespondidas pelo monopólio eclesiástico do chamado cristianismo, e teremos a mistura de que se constrói o livro. É um livro de perguntas. As respostas parecem acorrer ao personagem, mas não se revelam simplesmente ao leitor. Diferente dos Paulos Coelhoos, não se trata de uma cosmologia grosseira que sacasse todas as soluções da algibeira, mas, ao contrário, recusa soluções e lenitivos de botequim para qualquer um.

O personagem central, também narrador, é um escritor - síntese possível de muitos e variados escritores contemporâneos - encarregado de escrever um livro que o leva aos confins do mundo, à procura da verdade, ou de alguma verdade.

Acredito que o livro promete mais do que realiza. A questão do labirinto, que é, afinal, nuclear acaba se revelando mero pretexto para muito palavrorio, páginas e páginas

de peroração dispensável. Valeria mais estruturar a narrativa como o próprio labirinto cuja saída se busca. É pena. O palíndromo que é citado no livro na página 242, construído com a frase *Sabor arepõ tenet opera rotas*, que de frente para trás ou de trás para a frente é lido exatamente do mesmo modo, pode demonstrar bem o que estou falando. Basta comparar, ainda que superficialmente, com a utilização feita por Osman Lins do mesmo palíndromo em *Avalovara*.

Em todo caso, é um livro que se consegue ler com algum agrado. Fornece matéria à reflexão; tem elementos de romances de ação e aventura; tem sexo; tem drogas. E tem muito lugar comum. Enfim, não se pode querer tudo de uma

SÁNCHEZ DRAGÓ, Fernando. *A prova do labirinto*. Trad. Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Record, 1994. 195 p.

## FENÔMENOS INVESTIGADOS

## Enigmas Universais desafiam ocultistas e pesquisadores

JORGE SANGLARD  
REPÓRTER

O jornalista e escritor espanhol J.J. Benítez é um obstinado investigador de fenômenos ocultos e tem se aprofundado em pesquisar mistérios e enigmas nos quatro cantos do planeta. Seus livros "O OVNI de Belém" e "O Enviado" provocaram polêmica envolvendo a questão dos OVNI e a instigante série "Operação Cavalo de Tróia" se afirmou como best-seller. Tudo isso projetou o escritor como um pesquisador empenhado em desvendar "incógnitas universais". Agora, o autor tem editado, no Brasil, pela Record, **Meus enigmas favoritos**, um mergulho fundo de J.J. Benítez em três dezenas de mistérios que desafiam ocultistas e pesquisadores de todos os matizes.

J.J. Benítez assegura que o projeto de investigar o mistério, a magia ou as lendas capazes de tornar determinado lugar especial acabou consumindo duas décadas de pesquisa. Após percorrer mais de 3 milhões de quilômetros em suas investigações, o escritor traz à tona "Galáxia insólita: meus enigmas favoritos".

O critério escolhido para determinar quais enigmas constituiriam o livro foi o de privilegiar aqueles fenômenos misteriosos que permaneciam aguçando a curiosidade do escritor espanhol e para os quais "a Ciência não encontrou uma explicação clara e decisiva". Assim, J.J. Benítez — como um "perpétuo aprendiz" — se revela atraído irresistivelmente pelo mágico e inescrutável. Para o escritor "o progresso e o avanço espiritual estão magistralmente sujeitos à curiosidade". E questiona: "O que seria do ser humano sem enigmas?".

O que nos atordoa — afirma Benítez — não é o gigantismo cósmico ou o irritante silêncio que se derrama com a morte. O que instiga e se revela é a ainda frágil e tão jovem inteligência que nos foi presenteada, não admitindo que essas incógnitas venham a ser como os números do calendário. Cada um é liberado em seu devido momento.

Segundo o escritor "como os sonhos, os enigmas provocam a dúvida, estimulam a imaginação e abrem as portas interiores. Visíveis ou adormecidos no regaço da história, à espera de um olhar, de uma intuição, de um pensamento ou propósito". Fartamente ilustrado, o livro **Meus enigmas favoritos** traz como abre-alas o "batismo de fogo" de J.J. Benítez na investigação do insólito, a partir de pesquisas na planície de Nazca, ao sul do Peru, em 1974.

As famosas "linhas de Nazca" e a "biblioteca de Pedra" de Ica constituíram os primeiros passos do escritor espanhol no rumo da investigação do insólito. Após diversas visitas ao Peru, J.J. Benítez reafirma, em 1991, que "longe de ter sido esclarecido, o enigma de Nazca continua mergulhado em tormentoso oceano de hipóteses e contra-hipóteses.



## J.J. Benítez busca essência de incógnitas

Permeiam ainda no livro **Meus enigmas favoritos**, de J.J. Benítez, mistérios como "as múmias mais antigas do mundo", na cidade de Arica, no norte do Chile; as "esferas de pedra" das selvas do sul da Costa Rica; os desaparecimentos de barcos e aviões registrados no "triângulo mortal das Bermudas" e o enigma dos "homens alados" em Lima, no Peru.

Além disso, o pesquisador investiga o "yeti", muitas vezes chamado de "abominável homem das



■ O escritor espanhol J.J. Benítez, um incansável pesquisador de fenômenos ocultos lança, no livro "Meus enigmas favoritos", uma nova luz sobre o mistério que envolve o Santo Sudário de Turim, que traz em negativo a imagem de Jesus

neves", das terras altas do Nepal; o segredo de Jules Verne; o segredo de Parsifal; o segredo de Lúcia, ou seja, o "terceiro segredo de Fátima"; além dos outros enigmas da Ilha de Páscoa.

No Brasil, J.J. Benítez vivenciou as experiências do Santo Daime com o "vinho das almas", a aiyasca das selvas amazônicas, mas o ponto chave do livro é o que trata o enigma dos enigmas, ou seja, o "Santo Sudário de Turim", na Itália, com a imagem do cadáver de Jesus de Nazaré.